

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 25 • 2019



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2019

A OCUPAÇÃO DO BRONZE FINAL NA SERRA DO SOCORRO (MAFRA, TORRES VEDRAS): OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DE 2007 E 2008

LATE BRONZE AGE IN SERRA DO SOCORRO (MAFRA, TORRES VEDRAS): 2007 AND 2008 ARCHAEOLOGICAL FIELD WORK

Ana Catarina Sousa*; Íris Dias**; Elisa Sousa*** & Marta Miranda****

Abstract

In this work we present the results of the excavations that took place in Serra do Socorro during 2007 and 2008, specifically in the area adjacent to the *Ermida*. Recent phases of occupation of this space caused serious affectations in the stratigraphy, especially with regard to the oldest chronological periods. Nevertheless, it was possible to identify a relatively well conserved subcircular domestic structure that can be associated to the Bronze Age final phase, as well as a significant set of archaeological materials of that same period. The artifacts exhumed in these two campaigns are easily integrated into the repertoires Portuguese Extremadura Late Bronze Age, emphasizing a fragment with burnished decoration, a small set of scythe elements and a dagger.

Keywords: Late Bronze Age, Extremadura, Domestic Structures

Em Memória de Carla Matias

1 - INTRODUÇÃO

A Proto-História da Estremadura tem vindo a ser alvo de um considerável volume de trabalhos nas últimas décadas. Se, por um lado, a grande maioria dos conjuntos provem de recolhas antigas, com informação contextual deficitária característica da época, por outro, trabalhos recentes têm procurado revitalizar aquelas coleções, integrando-as nos discursos científicos acerca das dinâmicas sociais e culturais que marcaram a região da Estremadura, durante a transição do segundo para o primeiro milénio a.C. Além desses trabalhos, importa também destacar outros, nomeadamente os acompanhamentos arqueológicos que têm contribuído para a identificação de novos sítios, preenchendo, desta forma, alguns vazios na malha de povoamento da região. É o caso, a título de exemplo, da Quinta da Cerca 2, em Mafra, sítio muito recentemente descoberto, com uma ocupação

* Uniarq – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. sousa@campus.ul.pt

** Uniarq – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. iris.fcdias@gmail.com

*** Uniarq – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. e.sousa@campus.ul.pt

**** Câmara Municipal de Mafra. martamiranda@cm-mafra.pt

bem enquadrada na fase final da Idade do Bronze (trabalhos arqueológicos inéditos sob direcção de Marta Miranda, Ana Catarina Sousa e Carlos Costa).

Contudo, outros sítios emblemáticos, como é justamente o caso da Serra do Socorro, e cujas evidências de uma ocupação proto-histórica são conhecidas já há algum tempo (*cf.* Cardoso, 2004, p. 282), permanecem ainda por estudar com o devido detalhe. Para tentar colmatar estas lacunas, foi efectuada, por uma das signatárias, uma análise mais exaustiva dos dados disponíveis (DIAS, 2018 a), tentando sistematizar as informações de trabalhos e recolhas antigas e conjugá-las com as mais recentes intervenções realizadas no local, dirigidas por outras duas signatárias (A.C.S. e M.M.), e que são apresentadas com detalhe neste trabalho.

Ainda que a Serra do Socorro tenha sido alvo de recolhas realizadas na segunda metade do século passado, que, como dissemos, nem sempre permitem compilar de forma apurada informações sobre as comunidades que aí habitaram, as intervenções que aqui expomos enquadram-se em uma realidade metodológica distinta.

A primeira notícia que nos informa sobre vestígios arqueológicos neste sítio foi-nos transmitida pelo Padre Eugénio Jalhay, através de um ensaio regional sobre a Idade do Bronze (JALHAY, 1946).

Mais tarde, nas décadas de 70 e 80 do século passado, Gustavo Marques interveio no local compilando uma apreciável quantidade de materiais proto-históricos, os quais foram apresentados em outro trabalho (DIAS, 2018 b). Também da autoria de Gustavo Marques é a primeira referência a um exíguo conjunto cerâmico datável da Idade do Ferro (MARQUES, 1994, p. 66), incorporado, em 1994, na exposição do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, na Figueira da Foz. A natureza dos trabalhos, sem qualquer autorização da tutela, tornou quase ocultos estes dados, sendo apenas tornados evidentes recentemente com a incorporação do espólio e documentação de campo, no Museu Nacional de Arqueologia.

Durante os anos 80 e 90, estão documentadas no Arquivo Histórico da Arqueologia Portuguesa (sítio na DGPC) várias recolhas realizadas aquando de acções de monitorização do sítio. Em 1991 a tutela (então IPPAR) efectuiu uma pequena intervenção na sequência de aluimento de terra junto à ermida, com direcção de José Morais Arnaud. Desde 1997, o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Mafra (A.C.S., M.M.) realizou também diversas acções de monitorização, com várias recolhas de material.

Em 2004, Carla Matias publicou cerca de um centenar de peças que considerou serem as mais representativas de um conjunto total de 4075 artefactos dispersos por múltiplas instituições. Nesse trabalho, a autora abordou e problematizou materiais que atribuiu à fase final da Idade do Bronze e Idade do Ferro (MATIAS, 2004).

Até ao momento, os únicos trabalhos arqueológicos programados na Serra do Socorro decorreram em 2007 e 2008, objecto central da presente publicação. As duas campanhas de escavação da Serra do Socorro foram realizadas pelo Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Mafra (Ana Catarina Sousa e Marta Miranda). Na sequência das campanhas arqueológicas desenvolvidas em 2007 e 2008, foi realizado um estudo sistemático de todos os materiais da Idade do Bronze, complementando o estudo dos materiais aí recolhidos com o acervo actualmente depositado no Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras), Museu Nacional de Arqueologia e Depósito Oficial de Bens Arqueológicos de Mafra (DIAS, 2018 a).

O resultado das duas campanhas de escavação reforçou a leitura de uma ampla diacronia de ocupação daquele espaço, ainda que com alguns hiatos, que se considera desde a transição do 2.º para o 1.º milénio a.C., perdurando até à actualidade. Dos 1701 artefactos inventariados nestas intervenções foram seleccionados, para este trabalho, apenas os que podemos associar de forma mais clara à fase final da ocupação da Idade do Bronze, totalizando 208 peças.

2 – A SERRA DO SOCORRO: LOCALIZAÇÃO E GEOMORFOLOGIA

Com as coordenadas 9° 00' 45"N, 0° 04' 27"W (*Datum* WGS84), o sítio arqueológico da Serra do Socorro tem o Código Nacional de Sítio 986 e situa-se administrativamente nos concelhos de Mafra, Torres Vedras e Sobral de Monte Agraço.

Com 396m de altitude, corresponde ao ponto mais elevado do actual concelho de Mafra, beneficiando, desta forma, de uma ampla visibilidade do território envolvente. A nível geológico, define-se por uma formação cretácea composta por conglomerados e grés intercalados com elementos ferruginosos e argilas cinzentas e arroxeadas, com alguns vestígios vegetais e de bivalves encrustados (ZBYSZEWSKI, 1965, p. 27-28). A partir dos 367m de altitude, até ao topo, é evidente uma concentração basáltica de origem vulcânica. A ocupação em chaminés vulcânicas foi também identificada em outros sítios arqueológicos da região com ocupação da Idade do Bronze, de que são exemplo o Moinho das Mariquitas (MONTEIRO & CARDOSO, 2016), o Penedo do Lexim (SOUSA, 2010; SOUSA & SOUSA, 2018) ou o Cabeço de Alcaínça (PONCE, 2012).

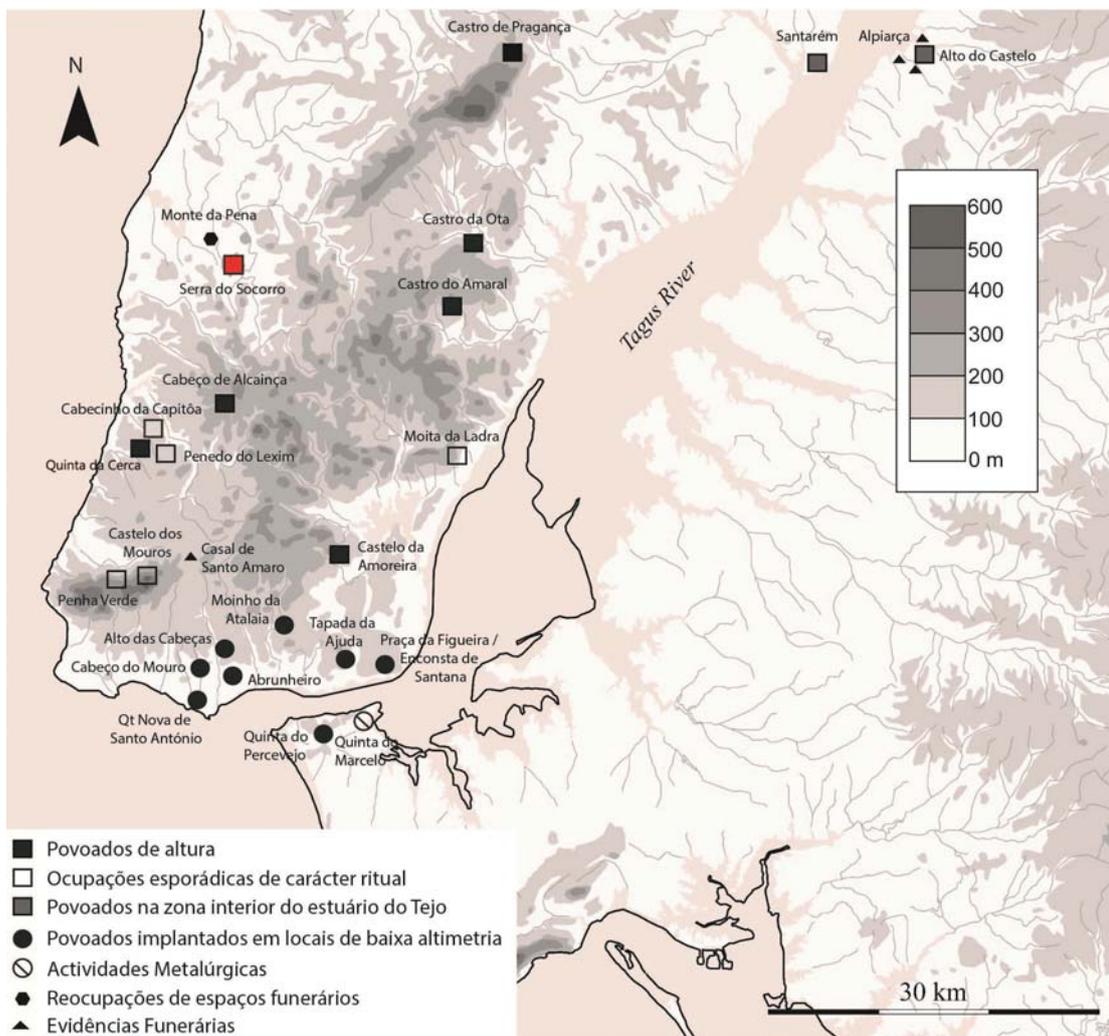


Fig. 1 – Mapa de distribuição dos sítios com ocupação durante Bronze Final na Península de Lisboa; a vermelho a localização da Serra do Socorro segundo SOUSA, 2016, modificado. (Base cartográfica de R. Boaventura).



Fig. 2 – Serra do Socorro, Vista Sul.

3 – AS INTERVENÇÕES DE 2007 E 2008

Em 2007 tiveram início na Serra do Socorro trabalhos de escavação que se concluíram no ano seguinte. Esta intervenção integrou-se na *Rota Histórica das Linhas de Torres Vedras*, projecto intermunicipal (Mafra, Arruda dos Vinhos, Loures, Sobral de Monte Agraço, Vila Franca de Xira e Torres Vedras), com financiamento do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu (EEA GRANTS – 2008-2011) e a parceria das várias tutelas do património cultural (Monumentos Nacionais, IGESPAR, DGPC) e da Direcção de Infraestruturas do Exército (DIE). Durante a Terceira Invasão Francesa (1810-1811), a Serra do Socorro desempenhou um papel central no sistema de comunicações telegráficas do Exército Anglo-Luso, funcionando aqui um dos doze telégrafos visuais especialmente concebidos por Wellington (LUNA, SOUSA & LEAL, 2008).

A estratégia da intervenção foi estritamente correlacionada com o plano de valorização da Rota Histórica e com a temática das Comunicações Telegráficas, não se tratando de trabalhos especificamente direccionados para a caracterização da ocupação proto-histórica desta elevação. As duas campanhas foram de curta duração, totalizando 28 dias de trabalho.

A intervenção focou-se em dois sectores distintos: adro da Ermida (*locus 1*) e plataforma intermédia (*locus 2*). A área escavada no *locus 1* (36m²) teve como principal objectivo a detecção e musealização de um buraco de poste do telégrafo, previamente identificado em 1991. Na plataforma intermédia (*locus 2*), seleccionou-se uma área para implantação de uma réplica do telégrafo usado na Guerra Peninsular, tendo sido necessário efectuar uma pequena sondagem de diagnóstico (12m²).

O locus 1 foi implantado junto à ermida localizada no topo da elevação, a Sudoeste da construção moderna, onde foi identificado o buraco de poste destinado às comunicações dos contingentes ingleses, durante as invasões francesas (ARNAUD, 1991). A área adjacente à ermida (*locus 1*) corresponde ao ponto central da elevação, registando uma intensa dinâmica de utilização em épocas proto-históricas bem como de épocas históricas relacionadas com a ermida Manuelina e com as Invasões Francesas. Da sondagem realizada recolheu-se a grande maioria de espólio, correspondendo a 80% do inventário (1373 peças).

A potência estratigráfica do *locus 1* é relativamente reduzida, entre 0,4m e 0,8m. O substrato geológico é muito irregular, o que pode indicar que a topografia antiga fosse consideravelmente distinta e que o topo aplanado tenha sido substancialmente alterado com as sucessivas campanhas arquitectónicas na ermida.

Nesta área foram individualizadas 16 unidades estratigráficas, que permitiram estabelecer um faseamento cronológico divisível em quatro momentos. O primeiro, e mais antigo, remete para uma ocupação proto-histórica; a segunda fase corresponde, fundamentalmente, a níveis relacionados com a construção do edifício religioso (séc. XVI); a terceira fase relaciona-se com a terceira invasão francesa; a quarta define-se por afectações recentes.

Infelizmente, os contextos conservados da mais antiga ocupação da Serra do Socorro não são, nesta área concreta da elevação, abundantes. Com efeito, as recentes intervenções truncaram irremediavelmente os níveis proto-históricos.

A ocupação proto-histórica integra estratos muito afectados pelas utilizações posteriores (U.E. [3], [15], [6]) e vestígios de estruturas dismanteladas, incluindo uma possível estrutura doméstica de reduzida dimensão com aparelho pétreo muito dismantelado (U.E. [12]), uma área de combustão com argila cozida (U.E. [6B]) e quatro buracos de poste designados de U.E.'s [13A], [13B], [13C], [13D].

Sobre a área de combustão, designada de U.E. [6B], verificou-se uma concentração de seis núcleos de combustão, abundante carvão e base de argila, situação que permite considerar uma eventual utilização proto-histórica. Infelizmente, os níveis que cobriam esta estrutura não permitem assegurar irrefutavelmente a datação proposta.

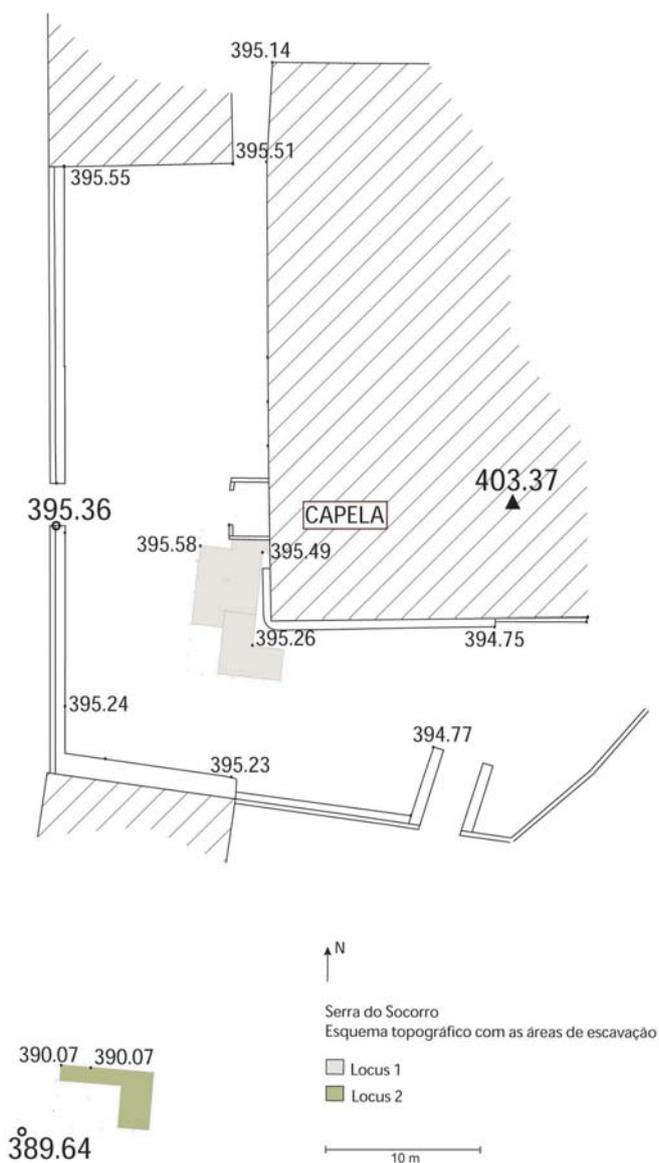


Fig. 3 – Esquema de implantação das duas áreas de escavação.

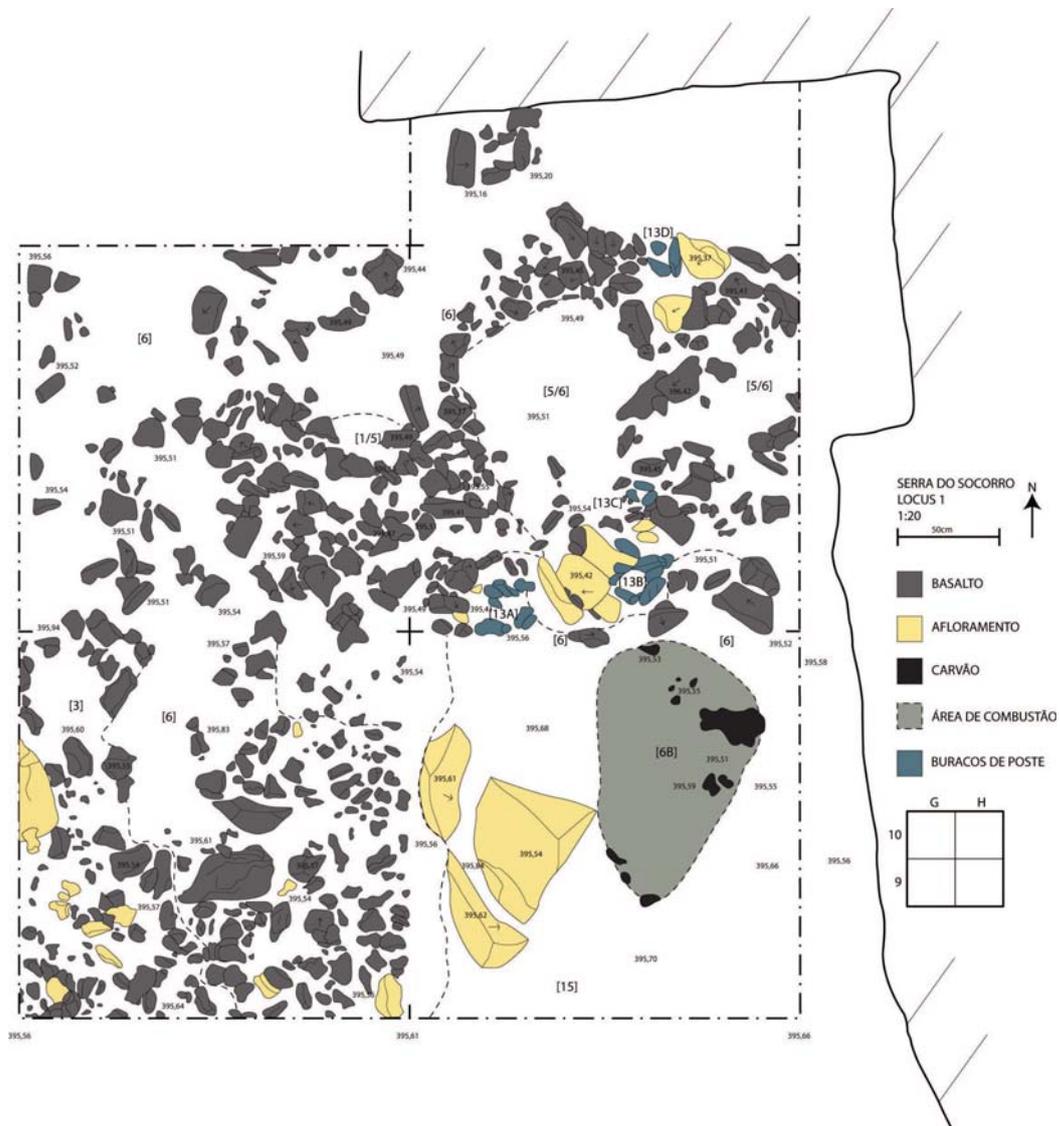


Fig. 4 – Planta Geral da área intervencionada (*Locus 1*).



Fig. 5 – Localização do *Locus 1*.

O restante contexto desse período, U.E. [12], define-se por um troço subcircular com cerca de 1m de diâmetro interno, composto por grandes blocos basálticos, configurando uma possível estrutura proto-histórica.

As alterações pós deposicionais e a circunstância de não ter sido possível escavar até ao substrato toda a área dificulta uma efectiva interpretação da U.E. [12] como cabana. A recente escavação de uma estrutura habitacional bem conservada na Quinta da Cerca 2 (Mafra) constitui um importante contributo para o conhecimento destas estruturas na Idade do Bronze da Estremadura. Efectivamente também neste caso se encontrou um alicerce em pedra com planta oval e, na área anexa, um conjunto de buracos de poste, similar à situação que se registou na Serra do Socorro. A parede da referida cabana da Quinta da Cerca 2 também é também irregular, ainda que surjam algumas fiadas de pedra. Deve ser destacado que na Serra do Socorro se optou por não escavar até ao substrato a área da cabana, o que poderá trazer mais perturbação de leitura.

A presença de alguma argila cozida pode indicar a presença de arquitectura em terra, ainda que o número de fragmentos de argila cozida seja reduzido.

Considerando a reduzida dimensão da estrutura U.E. [12] e dos problemas estratigráficos registados na Serra do Socorro, podemos aventar a existência de uma estrutura doméstica parcialmente desmantelada na área escavada no *locus* 1, ainda que não seja seguro tratar-se de uma cabana.

Neste mesmo sector existem, ainda, áreas com distintos graus de conservação. Em H7 e 8 foi registada uma grande abundância de material arqueológico em bom estado de conservação com fragmentos de grande dimensão e sem sinais de rolamento. Corresponde ao estrato com maior densidade de materiais arqueológicos, tendo sido interpretado como o nível principal de ocupação.

O número de materiais da Idade do Ferro é bastante reduzido, razão pela qual se propõe que as estruturas [12] e [13 A-D] correspondam à ocupação da Idade do Bronze Final.

Como foi referido, a maioria dos níveis escavados integram contextos recentes. Muitos destes foram relacionados com a construção da Ermida Manuelina, que ainda hoje permanece no local. Não sendo este o local para uma descrição detalhada de todos os contextos a ela associados, importa, ainda assim, destacar a identificação dos níveis correspondentes ao enchimento de valas fundacionais do edifício religioso, assim como alguns terraplenos e também bolsas de cascalho e argamassas, porventura resultantes do fabrico de matérias-primas para a sua construção.

Os níveis relacionados com a fase de construção e práticas devocionais da ermida envolviam um numeroso volume de materiais. A maioria integra o momento correspondente à fundação do edifício, concreta-



Fig. 6 – Fotografias de pormenor das U.E.'s [13A], [13B], [13C] e [13D].



Fig. 7 – Estrutura doméstica, U.E. [12].

mente o século XVI, datação que está certificada também pela recolha de numismas. Apesar disso, muitas das cerâmicas proto-históricas são provenientes destes níveis, situação que não estranhamos, uma vez que as acções enquadradas na fase de construção da ermida foram as que, supostamente, afectaram os contextos mais antigos.

A terceira fase materializou-se na construção do buraco de poste do telégrafo utilizado durante a Terceira Invasão Francesa, o qual foi identificado em 1991. A estrutura negativa mede sensivelmente 50cm de diâmetro e apresentava dois blocos de pedra na base. O respectivo nível de enchimento foi designado U.E. [10], onde foram identificados alguns elementos geológicos de pequenas dimensões. As paredes apresentam sinais de alisamento, o que poderá ter resultado do contacto directo com o poste. Os níveis superficiais foram integrados na fase mais recente, porém, o seu interesse científico é reduzido, uma vez que correspondem a estratos de revolvimento contemporâneos, alguns, relacionados com a manutenção da própria ermida. Como dissemos, pretendemos com este trabalho dar particular atenção aos contextos proto-históricos.

O *locus* 2 situa-se na plataforma inferior, fora dos limites estruturais do edifício religioso. Esta localização foi imposta pelas tarefas a realizar no âmbito do projecto da *Rota Histórica das Linhas de Torres* (RHLT), o qual contemplava a implantação da réplica do telégrafo de 5 balões de Wellington.

Esta sondagem, apesar de se encontrar distanciada da zona de frequência da ermida, ofereceu uma limitada potência estratigráfica. Por este motivo, os níveis registados continham um palimpsesto de artefactos, o que permitiu atestar a inexistência de estratos ou contextos conservados. Nesta zona foi aberta uma área de 2x4m, com uma orientação Norte-Sul, da qual provém apenas 17% da amostra total, correspondendo a 306 peças.

Neste *locus* foram definidas apenas três unidades estratigráficas. A U.E. [1], correspondente à camada superficial, apresentava um sedimento granulado e alguns elementos geológicos, destacando-se a relativa

escassez de materiais arqueológicos, somente 53 artefactos (18%). A U.E. [2] define-se por uma camada sedimentar amarelada e, à semelhança da U.E. [1], contava com alguma frequência de elementos pétreos. Neste nível foi registado o maior número de artefactos do *locus* 2 (55% referente a 158 peças). A U.E. [3] corresponde a uma camada de cascalheira na qual já se identificava o substrato basáltico. Aqui encontraram-se escassos materiais, concretamente 79 peças, que podem ter migrado para esta camada, estando assim provavelmente descontextualizados.

A cronologia dos materiais do *locus* 2 indiciam vestígios de ocupações da fase final da Idade do Bronze, da Idade do Ferro e também de épocas mais recentes (Moderno/Contemporâneo), distribuindo-se segundo os dados apresentados na Tabela 1.

Deve ser referido que a Sul do *locus* 2 se verifica a presença de um talude que pode corresponder a uma linha fortificada. Para a compreensão deste sector seria assim fundamental ter uma leitura geral da plataforma, em articulação com uma possível muralha.

Tabela 1 – Número e percentagem de materiais por unidade estratigráfica com indicação da cronologia

SECTOR	U.E.	INDETERMINADO		BRONZE		FERRO		MODERNO/CONTEMP.		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1	0	11	1%	6	0%	1	0%	30	2%	48	3%
	1	67	4%	72	4%	29	2%	478	28%	646	38%
	2	4	0%	0	0%	3	0%	2	0%	9	1%
	3	9	1%	6	0%	0	0%	90	5%	105	6%
	4	2	0%	1	0%	1	0%	4	0%	8	1%
	5	26	2%	2	0%	6	0%	216	13%	250	15%
	6	47	3%	30	2%	12	1%	145	9%	234	14%
	6B	11	1%	9	1%	3	0%	2	0%	25	1%
	7	0	0%	0	0%	0	0%	8	1%	8	1%
	8	0	0%	0	0%	0	0%	9	1%	9	1%
	9	1	0%	0	0%	0	0%	4	0%	5	0%
	10	1	0%	0	0%	0	0%	0	0%	1	0%
	11	0	0%	0	0%	0	0%	4	0%	4	0%
	12	0	0%	1	0%	0	0%	0	0%	1	0%
	13	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
14	2	0%	0	0%	1	0%	15	1%	18	1%	
15	0	0%	0	0%	0	0%	1	0%	1	0%	
SUBTOTAL		181	11%	127	8%	56	3%	1008	60%	1372	82%

SECTOR	U.E.	INDETERMINADO		BRONZE		FERRO		MODERNO/CONTEMP.		TOTAL	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
2	0	10	1%	3	0%	0	0%	0	0%	13	1%
	1	22	1%	16	1%	7	0%	8	1%	53	3%
	2	84	5%	52	3%	15	1%	7	0%	158	9%
	3	40	2%	36	2%	3	0%	1	0%	80	5%
	6	3	0%	0	0%	0	0%	0	0%	3	0%
6B	2	0%	0	0%	0	0%	0	0%	2	0%	
SUBTOTAL		161	9%	107	6%	25	1%	16	1%	309	18%

TOTAL	342	20%	234	14%	81	5%	1024	61%	1681	100%
-------	-----	-----	-----	-----	----	----	------	-----	------	------

A partir dos dados expostos, é verificável que a estreita potência estratigráfica do cerro limita consideravelmente a presença de contextos fechados. Por outro lado, esta situação deve-se igualmente à permanente, mas descontínua, ocupação da Serra do Socorro, o que afectou profundamente os níveis das ocupações mais antigas. Ainda assim, estas intervenções permitiram reconhecer níveis conservados, sobretudo das épocas mais recentes. Todavia, pretende-se com este trabalho apresentar os contextos associados à ocupação do Bronze Final que, como vimos, são limitados.

Apenas no *locus* 1 foi possível identificar alguns vestígios que consideramos, eventualmente, remanescências desse período. Para as U.E.'s. [6B], [12] e [13] admite-se uma possível associação com a ocupação do sítio durante o Bronze Final. Como veremos adiante, a análise dos materiais admite uma ocupação cronologicamente enquadrável no final da Idade do Bronze, ainda que, relembramos, a maioria esteja descontextualizada. A possível existência de uma área de cariz habitacional integrável nesta fase pode ser equacionada, sobretudo se tivermos em consideração alguns destes materiais.

Em termos sedimentares, a estratigrafia identificada apresenta semelhanças com outros sítios escavados no Complexo Vulcânico de Lisboa da região, confirmando a leitura geo-arqueológica que foi proposta para o povoamento pré e proto-histórico de Mafra: a elevada erosão durante a cronozona Atlântica obliterou muitos dos contextos arqueológicos que se conservavam no topo destas elevações, exceptuando quando existem afloramentos que funcionam como uma barreira protectora. A comparação entre as dinâmicas sedimentares de Penedo do Lexim, com afloramentos basálticos e de Cabeço dos Palheiros é representativa desta situação, registando-se uma completa erosão do topo do Cabeço de Palheiros e conservação de materiais calcolíticos em posição secundária (SOUSA, 2010). Também deve ser destacado o facto de não se preservar matéria orgânica osteológica na Serra do Socorro, sendo muito raros os fragmentos de fauna mamalógica e malacológica. Esta ausência é reveladora da erosão registada na Serra do Socorro.

Possivelmente existirá um faseamento horizontal na área da Serra do Socorro, com distintas distribuições de ocupação. Estas observações referem-se sobretudo às ocupações mais antigas. Assim, na área intervencionada em 2007 e 2008 não foi recolhido qualquer fragmento de cronologia romana, mas estes surgem nas recolhas antigas (Matias, 2004). Os materiais de cronologia moderna (quinhentista), concentram-se no topo, junto da ermida, mas existem bastantes materiais moderno-contemporâneos em todas as plataformas, possivelmente correlacionados com as práticas devocionais associadas com o culto da Senhora do Socorro ou das Neves. Quanto à ocupação proto-histórica é provável que existam também áreas de concentração e faseamentos, pois é pouco provável que toda a área do topo, possivelmente rodeado por muralha, tenha sido ocupada em simultâneo. Na área da ermida, poderiam ter existido estruturas habitacionais há muito destruídas.

4 - ESPÓLIOS

Cerâmica

O conjunto cerâmico exumado nas escavações de 2007 e 2008 na Serra do Socorro não difere do panorama regional. Com efeito, verificamos que tanto a qualidade das produções como a matriz morfo-tipológica vão ao encontro do que se conhece na área da Estremadura portuguesa.

A partir da análise detalhada das pastas foi possível aferir que o conjunto é integralmente de produção local. As pastas dos recipientes são relativamente homólogas, contudo, a porosidade e compactação das argilas variam quando comparamos vasos de maiores dimensões com outros, nomeadamente as típicas taças carenadas, que delatam um fabrico mais cuidado.

Relativamente aos designados elementos-não-plásticos, foram identificados elementos ferrosos, biotite, moscovite e quartzo. No geral, estes inertes encontram-se mal calibrados entre si. Efectivamente, em algumas peças verificam-se micas grandes e quartzos pequenos enquanto em outros recipientes temos a ausência de micas e quartzos de maiores dimensões sub-angulosos a sub-rolados.

Ao nível do tratamento de superfície abundam os exemplares alisados com 81%, enquanto as superfícies polidas correspondem a 18% da amostra e apenas um exemplar (1%) apresenta a superfície externa cepilhada.

O conjunto cerâmico da fase final da Idade do Bronze reúne um total de 204 exemplares, dos quais apenas 94 são classificáveis segundo tabelas tipológicas pré-estabelecidas.

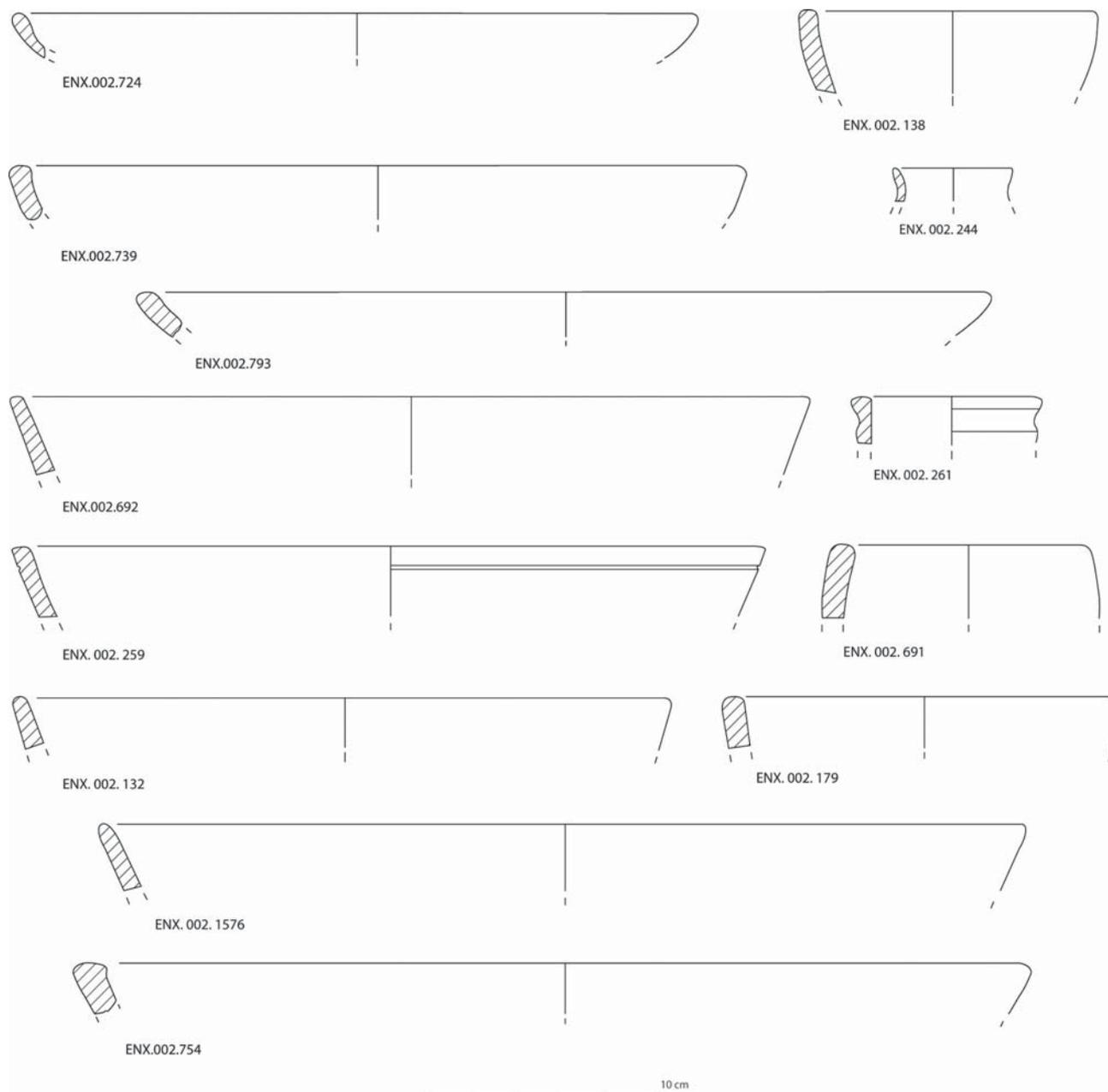


Fig. 8 – Taças Simples e pequenos recipientes.

Com 11 exemplares (Enx. 002.739; Enx. 002.793; Enx. 002.724; Enx. 002.132; Enx. 002.179; Enx. 002.259; Enx. 002.692; Enx. 002.1576; Enx. 002.754; Enx. 002.691; Enx. 002.138), as tigelas simples representam 12% do conjunto. A nível morfológico três apresentam um perfil hemisférico, paredes arqueadas e diâmetros entre os 29 e os 36cm; seis correspondem a recipientes abertos, mais altos que os anteriores, paredes rectas e perfil troncocónico; os outros dois exemplares são pequenas tigelas em calote com diâmetros de 10 e 12cm.

Importa referir que quatro exemplares deste grupo morfológico apresentam as superfícies internas polidas, situação que poderá estar relacionada com o tipo de conteúdo para o qual estavam destinados, nomeadamente o consumo de líquidos.

As taças carenadas, com 30 fragmentos (Enx. 002.577; Enx. 002.1574; Enx. 002.146; Enx. 002.1444; Enx. 02.455; Enx. 002.716; Enx. 002.784; Enx. 002.1570; Enx. 002.696; Enx. 002.481; Enx. 002.295; Enx. 002.301; Enx. 002.566; Enx. 002.1572; Enx. 002.744; Enx. 002.366; Enx. 002.889; Enx. 002.736; Enx. 002.290; Enx. 002.775; Enx. 002.586; Enx. 002.699; Enx. 002.720; Enx. 002.362; Enx. 002.719; Enx. 002.585; Enx. 002.721; Enx. 002.715; Enx. 002.743; Enx. 002.281) correspondem a 32% da amostra e podem ser subdivididos por carenas simples ou de ombro. O fabrico destas peças é relativamente cuidado, com pastas homogéneas, bem depuradas e sólidas com frequentes elementos-não-plásticos de dimensões reduzidas e bem calibrados entre si. No que respeita ao tratamento de superfície, 25 recipientes foram alisados e cinco foram polidos.

A identificação destas taças em sítios com ocupações sincrónicas é característica na região tendo sido também verificada a sua presença nos conjuntos dos sítios do Cabeço de Alcainça (PONCE, 2012), do Castelo dos Mouros (CARDOSO, 1997/1998), do Castelo da Amoreira (BOAVENTURA, PIMENTA & VALLES, 2013), do Castro do Amaral (PIMENTA & MENDES, 2010/2011), da Alcáçova de Santarém (ARRUDA & SOUSA, 2015), da Penha Verde (CARDOSO, 2010/2011 b), da Tapada da Ajuda (CARDOSO & SILVA, 2004), da Praça da Figueira (SILVA, 2013), da Quinta Nova de Santo António (NETO *et al.*, 2013), do casal agrícola do Abrunheiro (CARDOSO, 2010/2011 a), da Gruta do Correio-Mor (CARDOSO, 2003), da Moita da Ladra (CARDOSO, 2013; MONTEIRO & PEREIRA, 2013), da Rua das Alcássimas (CARDOSO, 2016/2017) e Cabeço do Mouro (CARDOSO, 2006).

Foram identificados dois pequenos recipientes (Enx. 002.244; Enx. 002.261), com diâmetros de 5 e 7cm e um fabrico cuidado (Fig. 8). O primeiro ostenta o típico perfil em “S” e ambas superfícies foram polidas. O outro apresenta um sulco horizontal abaixo do bordo e foi alisado. Apesar das reduzidas dimensões dos fragmentos, as suas características permitem integrar estes recipientes, ainda que com as devidas reservas, no “serviço de mesa” da época. Com efeito, não nos parece improvável a sua utilização no âmbito do consumo de líquidos. A primeira peça encontra paralelos nos sítios da Alcáçova de Santarém (ARRUDA & SOUSA, 2015), da Tapada da Ajuda (CARDOSO & SILVA, 2004), da Praça da Figueira (SILVA, 2013) e da Rua das Alcássimas (CARDOSO, 2016/2017). Para o outro exemplar, não verificámos, até à data, um exemplar análogo em outros sítios ocupados durante o Bronze Final.

Foram registados 10 recipientes com diâmetros superiores a 35cm e que consideramos pertinente a sua individualização com base nos critérios apresentados pelos autores do Museu do Homem que designam estes recipientes de “*Bassin*” (BALFET *et al.* 1983, p. 13). Com efeito, a notável dimensão destes vasos acarretam, indissociavelmente, uma utilização distinta dos recipientes acima enunciados. Outro factor que motivou esta individualização relaciona-se com próprio fabrico. Este é claramente mais grosseiro, com pastas mais porosas, sólidas e com abundantes inclusões moderadamente distribuídas e de diversas dimensões, variando entre 1 e 5mm. A sua funcionalidade tem sido associada à confecção de alimentos, higiene ou ainda o armazenamento de produtos (OLIVEIRA, 2006, p. 44), ao contrário das formas acima apresentadas, para as quais se admite uma utilização no consumo de sólidos e, eventualmente, líquidos.

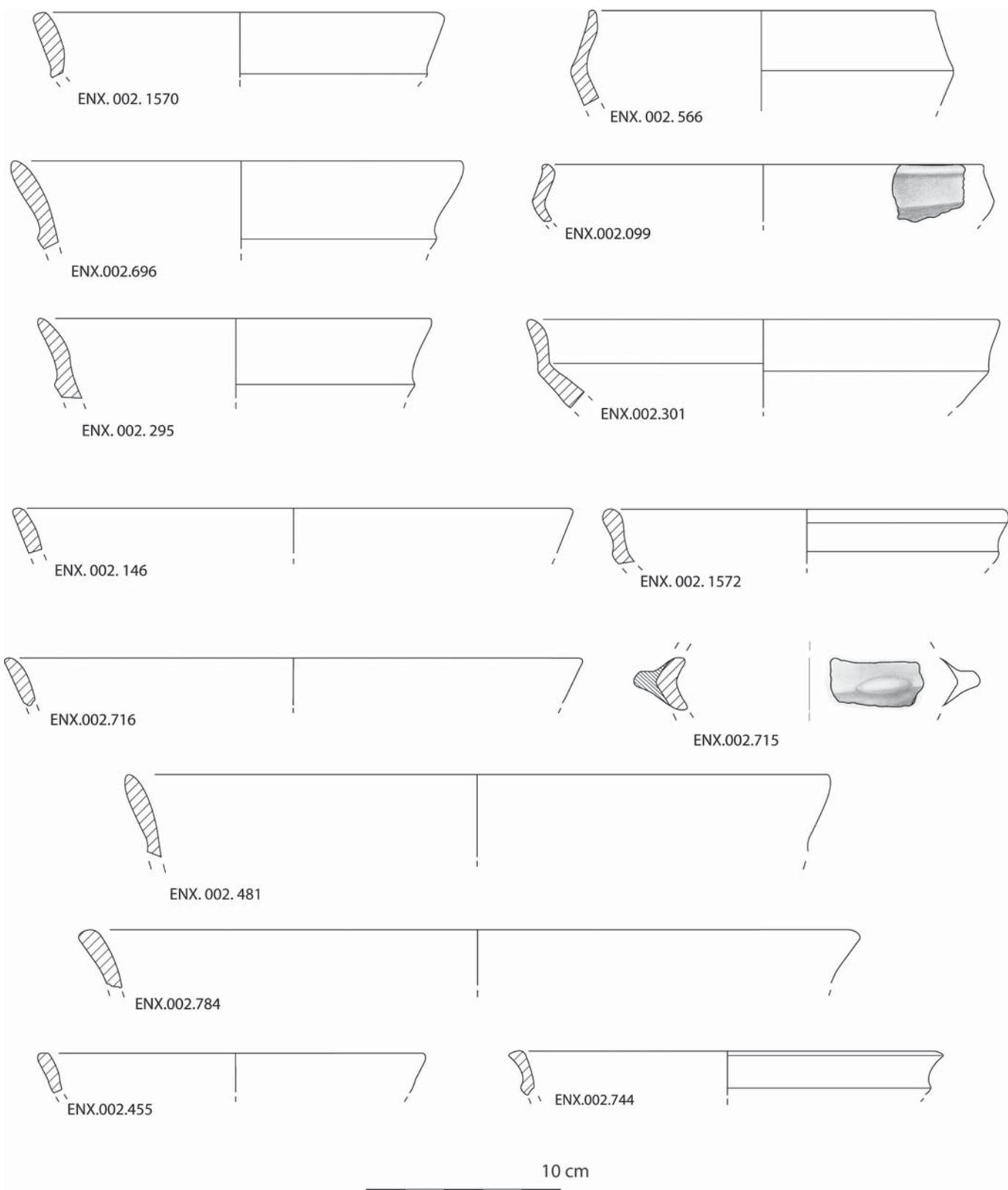


Fig. 9 – Taças Carenadas.

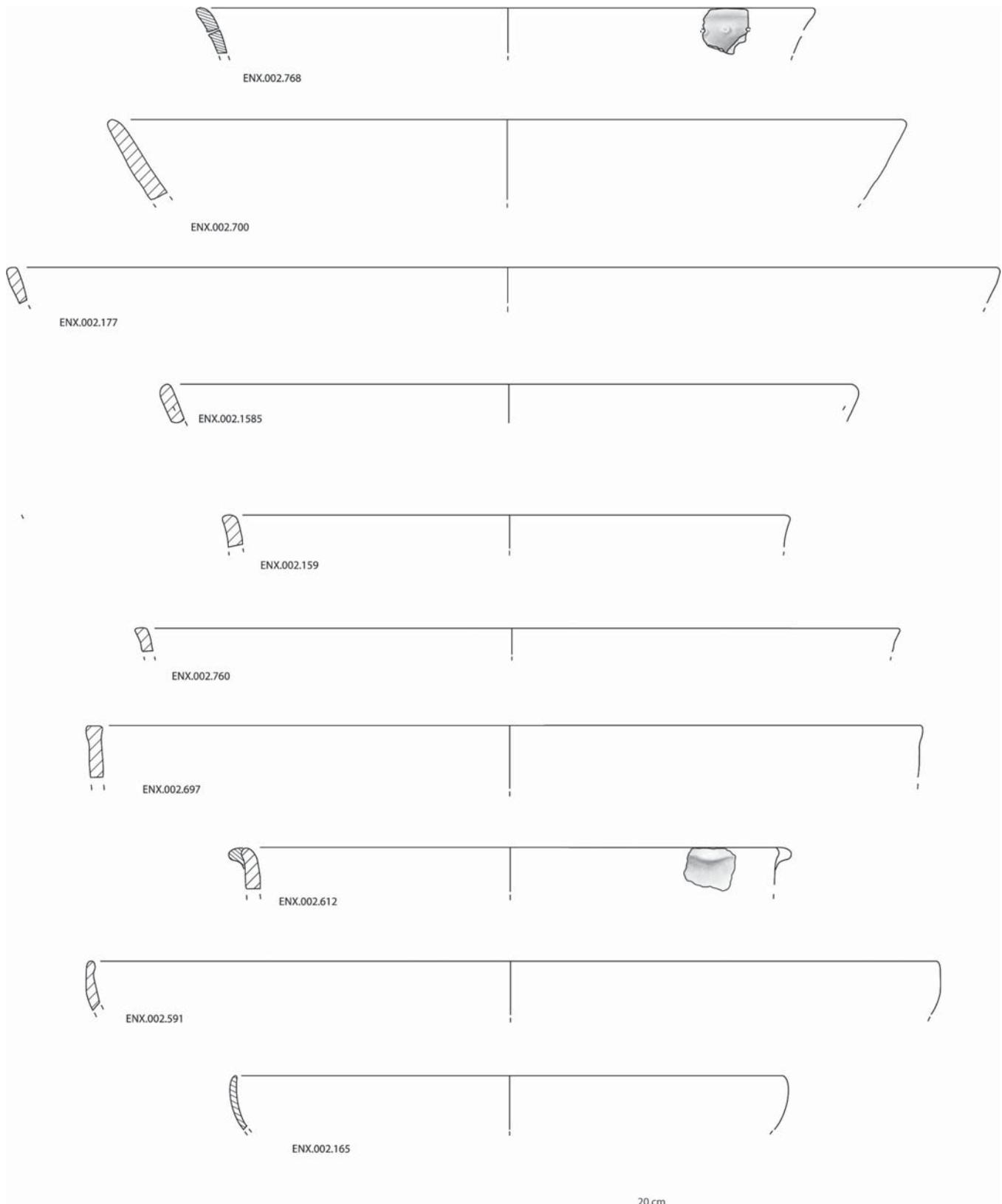


Fig. 10 – Recipientes de grande capacidade.

Foram distinguidas quatro peças de perfil troncocónico (Enx. 002.1585; Enx. 002.768; Enx. 002.177; Enx. 002.700), em igual número de tendência vertical com lábios planos (Enx. 002.697; Enx. 002.612; Enx. 002.159; Enx. 002.760) e dois de perfil hemisférico (Enx. 002.165; Enx. 002.591).

Estes recipientes apresentam correspondência morfológica com exemplares recolhidos nos sítios da Gruta do Correio-Mor (CARDOSO, 2003), no sítio arqueológico de Cabeço do Mouro (CARDOSO, 2006) e na Praça da Figueira (SILVA, 2013).

O grupo dos potes reúne um total de 40 exemplares que apesar de manterem a mesma funcionalidade, de armazenamento e confecção de alimentos, podem ser divididos com base nos aspectos morfológicos.

A variante mais expressiva é a dos potes fechados, também designados de “esféricos” ou “globulares”. Este subgrupo integra 20 exemplares cujos diâmetros variam entre os 13 e os 38cm. Sobressai na amostra um fabrico grosseiro, pouco cuidado, com pastas heterogéneas, sólidas e que denunciam um ambiente de cozedura redutor. Dez peças apresentam o lábio redondo (Enx. 002.180; Enx. 002.869; Enx. 002.145; Enx. 002.1793; Enx. 002.639; Enx. 002.741; Enx. 002.785; Enx. 002.588; Enx. 002.774; Enx. 002.174), seis biselado (Enx. 002.825; Enx. 002.686; Enx. 002.129; Enx. 002.134; Enx. 002.782; Enx. 002.160) e quatro plano (Enx. 002.121; Enx. 002.172; Enx. 002.175; Enx. 002.593),

Estes potes foram também identificados nas estações arqueológicas do Cabeço de Alcainça (PONCE, 2012), do Castelo dos Mouros (CARDOSO, 1997/1998), da Alcáçova de Santarém (ARRUDA & SOUSA, 2015), da Quinta Nova de Santo António (NETO *et al.*, 2013) e do Abrunheiro (CARDOSO, 2010/2011 a).

Os potes de paredes subverticais, fechadas e de tendência ovóide agrupam nove fragmentos (Enx. 002.1586; Enx. 002.260; Enx. 002.262; Enx. 002.1308; Enx. 002.128; Enx. 002.120; Enx. 002.747; Enx. 002.735; Enx. 002.590). Estas peças apresentam diâmetros compreendidos entre os 16 e os 36cm e o seu fabrico é caracterizado por ambientes de cozedura redutora seguida de um arrefecimento oxidante. As pastas são muito porosas, bastante sólidas e relativamente homogéneas com inertes moderadamente distribuídos. Três apresentam elementos de prensão que, muito possivelmente, serviram para auxiliar o transporte destes contentores.

Esta forma encontra paralelos em sítios com ocupação coeva, nomeadamente no Castelo dos Mouros (CARDOSO, 1997-98), na Alcáçova de Santarém (ARRUDA & SOUSA, 2015), na Penha Verde (CARDOSO, 2010-11b), na Tapada da Ajuda (CARDOSO & SILVA, 2004), na Praça da Figueira (SILVA, 2013), na Quinta Nova de Santo António (NETO *et al.*, 2013), no Abrunheiro (CARDOSO, 2010/2011 a) e na Gruta do Correio-Mor (CARDOSO, 2003).

Oito contentores apresentam paredes rectas (Enx. 002.133; Enx. 002.149; Enx. 002.698; Enx. 002.169; Enx. 002.755; Enx. 002.278; Enx. 002.799; Enx. 002.135). Neste subgrupo o fabrico é mais variado (Figura 14). Algumas peças ostentam uma produção mais cuidada, com pastas sólidas, bem depuradas e elementos-não-plásticos de pequenas dimensões e bem calibrados entre si. Outros, contudo, denunciam um fabrico mais rude com pastas mais grosseiras. Neste conjunto, ainda que o tratamento de superfície mais comum seja o alisamento, dois exemplares foram polidos. A peça Enx. 002.135 apresenta um elemento de prensão e a Enx. 002.149 tem uma sequência de impressões circulares na superfície externa da peça, paralela à linha do bordo.

Esta forma é relativamente frequente para ocupações sincrónicas, estando presente no Castelo dos Mouros (CARDOSO, 1997/1998), Castelo da Amoreira (BOAVENTURA, PIMENTA & VALLES, 2013), Castro do Amaral (PIMENTA & MENDES, 2010-11), Cabeço do Mouro (CARDOSO, 2006), Alcáçova de Santarém (ARRUDA & SOUSA, 2015), Praça da Figueira (SILVA, 2013), Quinta Nova de Santo António (NETO *et al.*, 2013), Abrunheiro (CARDOSO, 2010/2011 a), Gruta do Correio-Mor (CARDOSO, 2003), Moita da Ladra

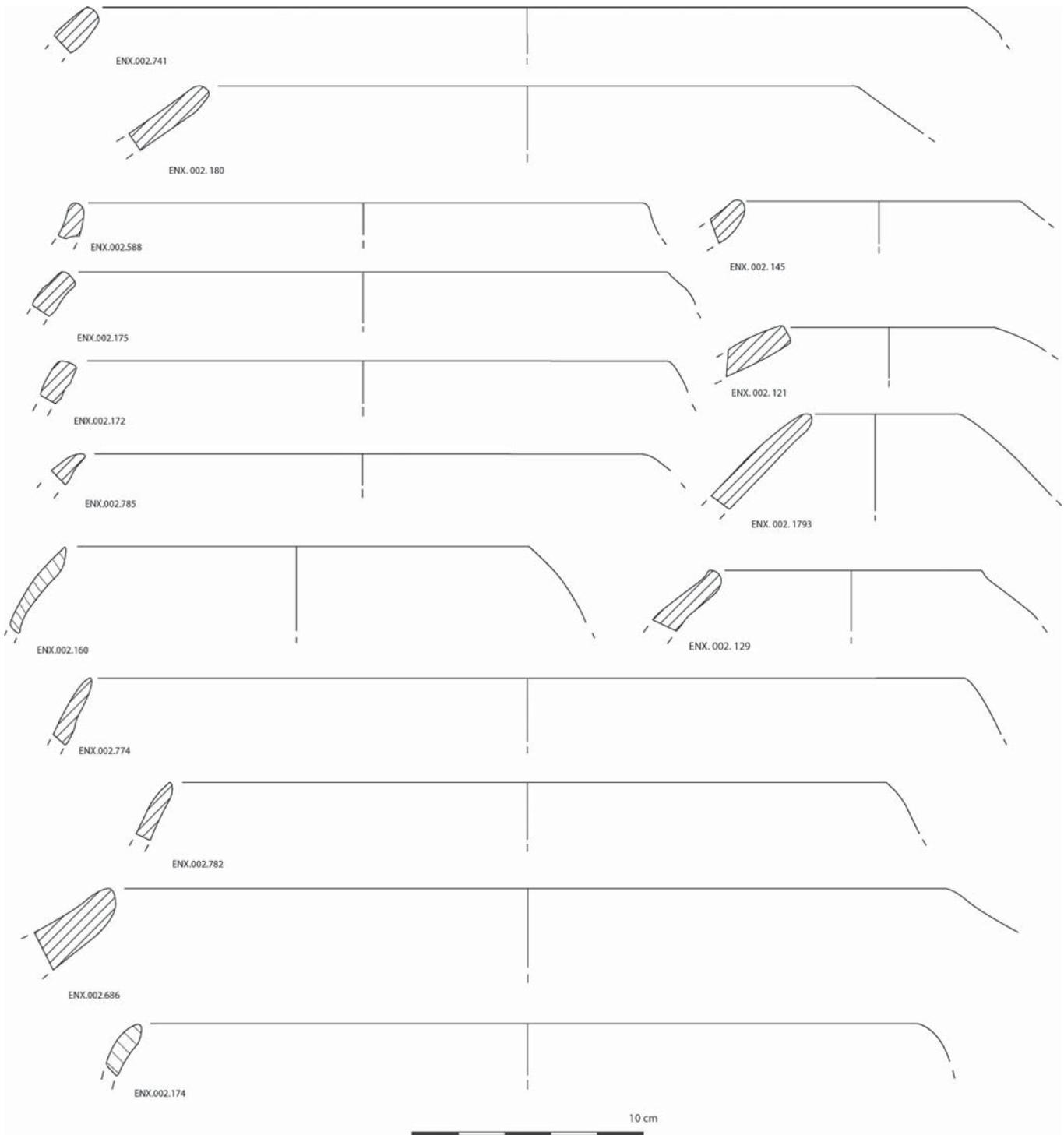


Fig. 11 – Potes fechados/esféricos.

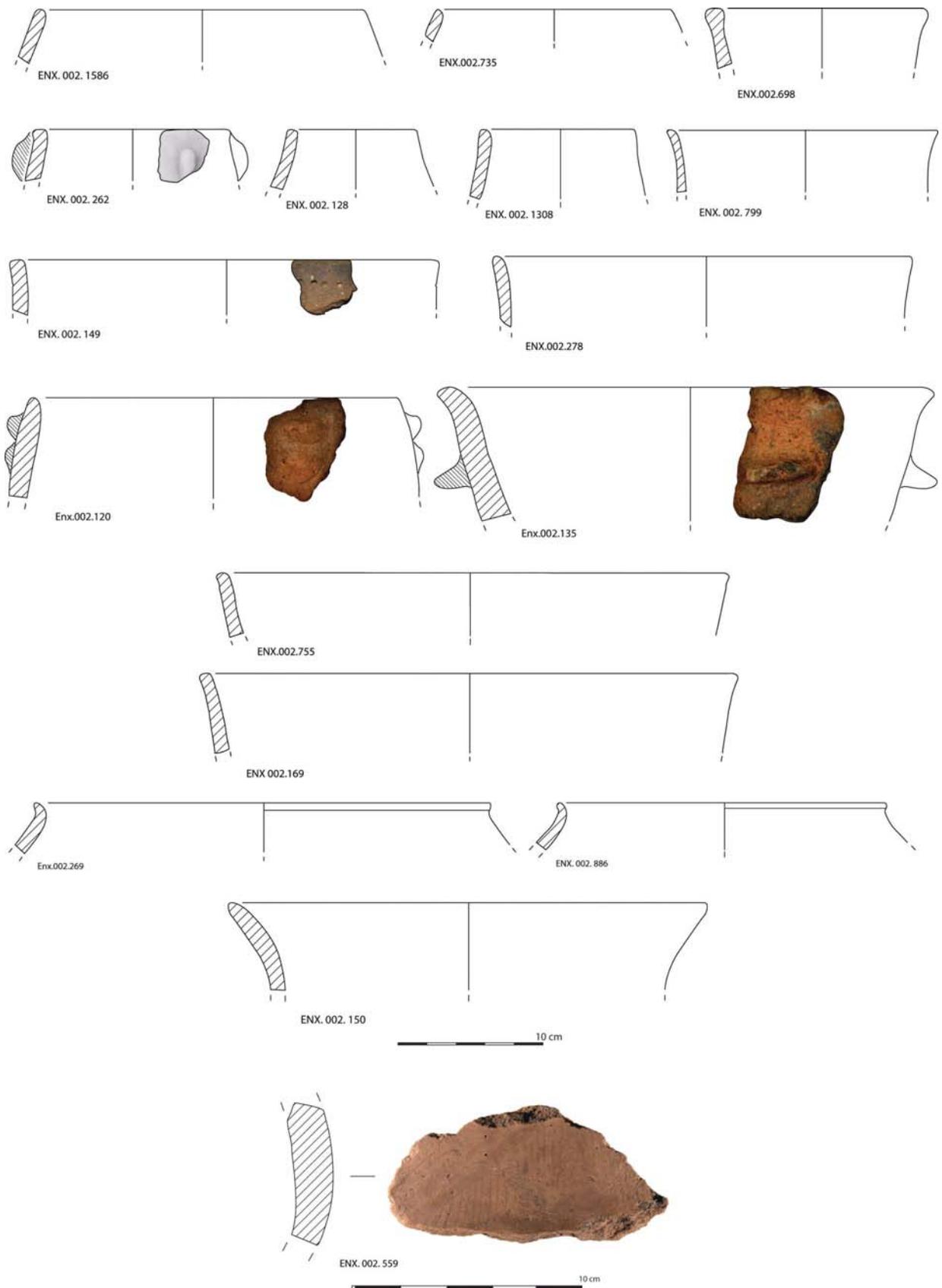


Fig. 12 – Potes de tendência ovóide; potes de paredes rectas; potes de paredes rectas e bordo exvertido; pote de colo alto; bojo com decoração brunida.

(CARDOSO, 2013; MONTEIRO & PEREIRA, 2013), Tapada da Ajuda (CARDOSO & SILVA, 2004) e Rua das Alcássimas (CARDOSO, 2016/2017).

Duas peças apresentam uma morfologia idêntica à variante anterior, contudo, o bordo é exvertido e de secção redonda (Enx. 002.886; Enx. 002.269). Os diâmetros são de 22 e 31cm, os fabricos são relativamente cuidados e as superfícies alisadas. Foram registadas peças idênticas em Santarém (ARRUDA & SOUSA, 2015), Alto dos Cacos (SOUSA *et al.*, 2016-17) e na Tapada da Ajuda (CARDOSO & SILVA, 2013).

Por fim, foi documentado apenas um pote de perfil em S (Enx.002.144) e um outro de colo alto (Enx. 002.150). Ambos apresentam pastas compactas, bem depuradas e com inertes de pequena dimensão e bem distribuídos. Ao nível do tratamento de superfície, o primeiro foi alisado o outro foi polido em ambas superfícies.

Os potes de perfil em S são também comuns nos repertórios morfológicos da região, integrando os conjuntos dos sítios do Cabeço de Alcaíça (PONCE, 2012), Castelo dos Mouros (CARDOSO, 1997-98), Tapada da Ajuda (CARDOSO & SILVA, 2004), Castro do Amaral (PIMENTA & MENDES, 2010/2011), Gruta do Correio-Mor (CARDOSO, 2003), Rua das Alcássimas (CARDOSO, 2016/2017), Alcáçova de Santarém (ARRUDA & SOUSA, 2015), Praça da Figueira (SILVA, 2013), Abrunheiro (CARDOSO, 2010/2011 a) e Cabeço do Mouro (CARDOSO, 2006).

Os contentores de colo alto e bordo extrovertido encontram paralelos na Alcáçova de Santarém (ARRUDA & SOUSA, 2015), Penha Verde (CARDOSO, 2010/2011 b), Abrunheiro (CARDOSO, 2010-11 a), Gruta do Correio-Mor (CARDOSO, 2003) e Rua das Alcássimas (CARDOSO, 2016/2017).

Foram identificadas 34 bases de recipientes atribuídos à fase final da Idade do Bronze, predominando as bases planas, sendo apenas uma convexa. Existe ainda um fragmento de fundo do qual resistiu unicamente a parte do *omphalus*.

Foi recolhido do *locus* 2 um bojo côncavo de um grande recipiente com decoração brunida (Enx. 002.559). A peça ostenta um padrão de linhas paralelas verticais limitadas por uma série de bandas oblíquas avermelhadas inclinadas para a direita. Estas bandas poderão tratar-se de triângulos que no interior teriam as tais linhas verticais. A sua tipologia poderá inserir-se nas cerâmicas tipo “Lapa do Fumo” típicas da fase final da Idade do Bronze.

Líticos

Durante as escavações de 2007 e 2008 na Serra do Socorro foram recolhidos seis elementos de foice sobre lasca denticulados exclusivamente de sílex.

Estes elementos seriam posteriormente encabados em suportes de madeira e utilizados para ceifar cereais.

Com efeito, verificamos que estes elementos tendem a ser registados em maior número nos povoados localizados em zonas de baixa altimetria de que são exemplos as vastas colecções da Tapada da Ajuda (CARDOSO, 1995); Abrunheiro (2010/2011 a) e Alto das Cabeças (CARDOSO & CARDOSO, 1996). Contudo, este cenário não impede que, também nos povoados da área mais interior e acidentada do território da Baixa Estremadura se recorresse à produção agrícola. Os elementos de foice identificados na Serra do Socorro e o recolhido no Cabeço de Alcaíça (PONCE, 2012, p. 85) são testemunhos de que efectivamente esses grupos também possuíam as suas próprias produções, ainda que em menor escala, estrangida pela morfologia acidentada característica da região, podendo a dependência de outros tipos de cultivo e mesmo de outros alimentos ter sido mais acentuada.

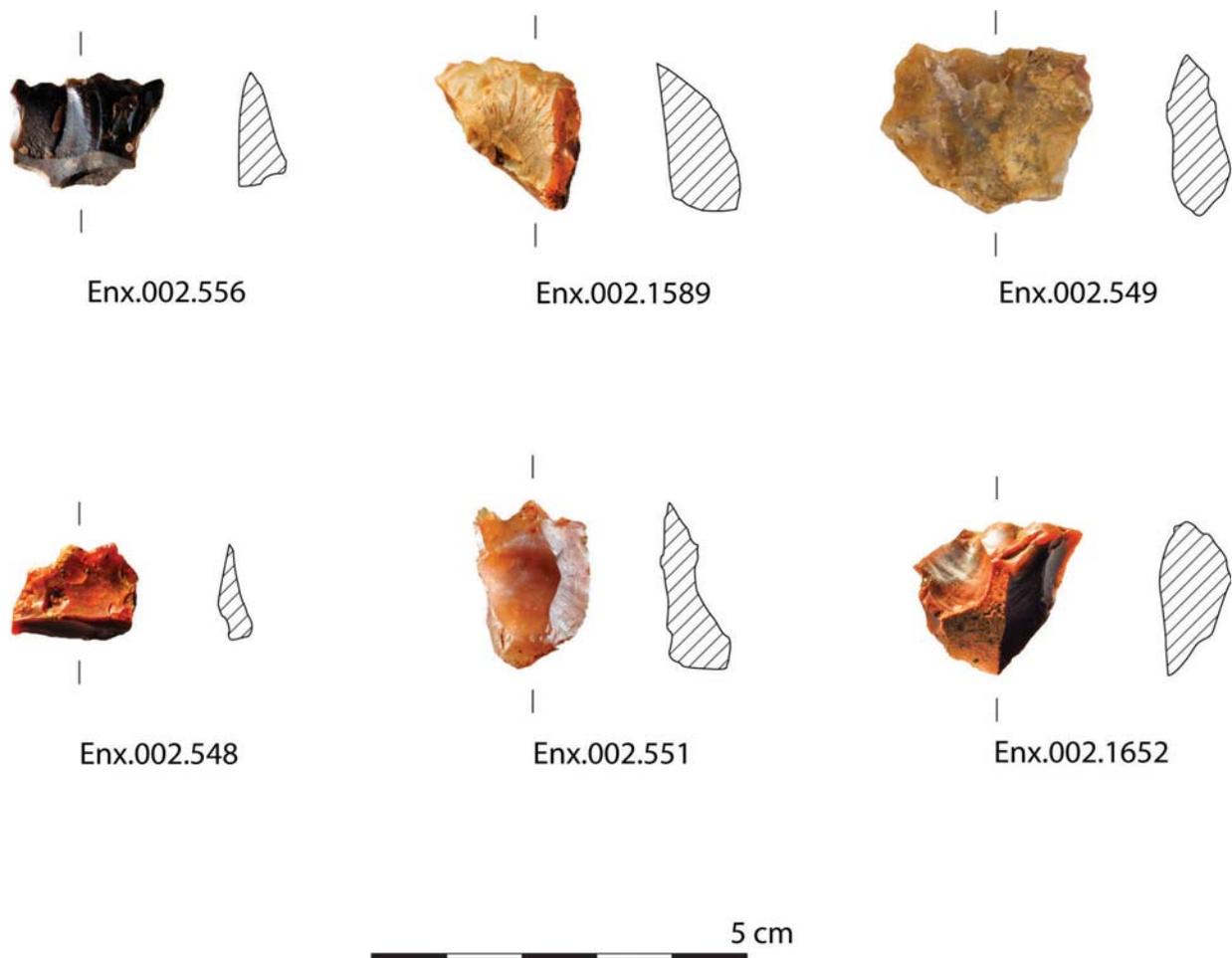


Fig. 13 – Elementos de foice denticulados.

Metal

São provenientes do *locus 2* um punhal de rebites e dois elementos indeterminados.

Não tendo sido possível recorrer a análises químicas para determinar as ligas destas peças, o estudo ficou limitado à observação comparativa recorrendo aos quadros tipológicos existentes.

O punhal ostenta três orifícios, destinados aos rebites, conservando-se ainda *in loco*. O talão encontra-se muito desgastado, possivelmente devido a sucessivas afiações da lâmina de perfil subtriangular. Tem 41,4mm de comprimento por 27,5mm de largura e pesa 8 gramas.

Estes artefactos encontram-se muito bem representados à escala peninsular, com maior expressividade em contextos do Bronze Médio, podendo a sua utilização perdurar até o Bronze Final, como parece ter sucedido com este exemplar, com evidentes sinais de desgaste, da Serra do Socorro. Importa destacar que estes artefactos ocorrem na maioria dos casos em contextos funerários ou de depósito. Assim, a sua identificação na Serra do Socorro não deixa de ser interessante, visto que os dados parecem indicar uma ocupação essencialmente de natureza habitacional.

A nível nacional encontra paralelos nos sítios de Belmeque, do Vidigal, de Valongo Alcaria do Pocinho, da Gruta da Cesareda, de Antas, de Pragança, de Reguengos de Monsaraz, do Serro da Eira, do Monte de Cima, de Medo do Espartal e na bacia do Douro (CARDOSO, 2002; BOTTAINI, SERRA & PORFÍRIO, 2012; SENNA-MARTÍNEZ *et al.* 2013; FIGUEIREDO, MELO & ARAÚJO, 2007; GOMES, 2006; OLIVEIRA, 2013; SÁNCHEZ, 1997).

Também na zona da Meseta espanhola, estes punhais são relativamente frequentes, concretamente em contextos associáveis ao horizonte cultural Cogotas I, cingindo-se, quase na sua totalidade, a contextos habitacionais. São igualmente documentados, na área da bacia do Douro, de onde importa destacar o exemplar de San Morales (SÁNCHEZ, 1997, p. 267).

Estes punhais de rebites indicam uma influência de cariz mediterrâneo (CARDOSO, 2002, p. 327). Com efeito, parecem ter origem na zona Próximo-oriental ainda durante o 3.º milénio a.C., tendo-se difundido posteriormente pela área centro-europeia, onde integraram conjuntos artefactuais calcolíticos (GIMBUTAS, 1965, p. 33-35).

4 - DISCUSSÃO

A ocupação da Serra do Socorro, durante a transição do 2.º para o 1.º milénio a.C., integra-se no quadro apresentado para a zona mais interior da Estremadura, no qual os aglomerados proto-históricos parecem circunscrever-se a pontos bem destacados na paisagem. A própria cultura material encontra paralelos em outras estações com ocupações sincrónicas, não só a nível regional como supra-regional.

Com base no conjunto apresentado, podemos atribuir esta ocupação, com relativa segurança, a um sítio de *habitat* que, muito provavelmente, desempenharia um papel de centralidade na malha de povoamento regional, o que pode estar, de alguma forma, relacionado com a sua localização entre o Tejo e o Atlântico. De facto, a excelente visibilidade que permite, tanto para um como para o outro “marcador da paisagem”, pode ter facilitado o controlo do território envolvente.

Esta posição estratégica pode, por sua vez, estar ainda associada a rotas pelas quais circularam bens, produtos e gentes, podendo a Serra do Socorro ter integrado essas mesmas redes de trocas inter-regionais. Com efeito, a identificação de um punhal de rebites denuncia tais contactos, neste caso com influências de cariz mediterrâneo (CARDOSO, 2002, p. 327). A presença deste artefacto é, desde logo, uma clara evidência de bens de prestígio e talvez também, por associação, de agentes mais destacados no quadro social destas comunidades. Ainda que de momento não seja possível identificar o local de produção desta lâmina de punhal, a sua recolha na Serra do Socorro comprova que este aglomerado não estava isolado daqueles que eram trans-

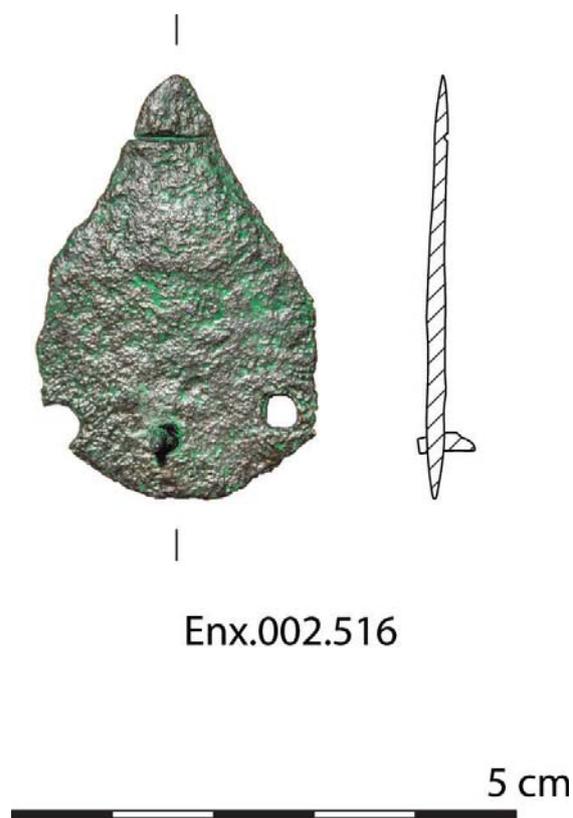


Fig. 14 – Punhal de Rebites.

missores destas influências e que, quiçá devido à sua implantação estratégica, poderia ter sido a sede de alguns segmentos sociais de relativa importância.

Também os fragmentos cerâmicos que ostentam ornatos brunidos, apesar de escassos, são igualmente indicadores do papel desempenhado pela Serra do Socorro nestas redes regionais. Neste campo, deve contudo referir-se que o papel social destes elementos decorativos encontra-se ainda em discussão, considerando que não se notam grandes variações da sua frequência entre sítios de “maior” ou “menor” importância no quadro da ocupação da fase final da Idade do Bronze (SOUSA, 2016, p. 396). O que é DE FACTO evidente é a sua expressividade no quadro da utilização de cavidades cársicas, que estará relacionado com toda a carga simbólica que este tipo de frequentações acarreta (Cardoso, 1997/1998; CARDOSO, 2004; CARREIRA, 1994; SERRÃO, 1958; 1959). No entanto, a presença destes elementos decorativos entre o repertório da Serra do Socorro mostram a clara inclusão da sua comunidade nas pautas materiais do Bronze Final Estremenho. A análise e a caracterização das pastas dos fragmentos identificados permitiram admitir um fabrico local, correspondendo os fragmentos decorados à reprodução de um modelo decorativo específico que se encontra bem atestado nas áreas contíguas aos principais cursos de água do território nacional, com maior destaque para o Guadiana, o Sado e o Tejo (ALMEIDA, 2014), e que é datado dos séculos XIII/XII a.C. e VIII/VII a.C.

O sítio encontra-se classificado como “povoado fortificado”, constando mesmo essa menção da sua classificação como Imóvel de Interesse Público (Dec. N.º 26 – A/92, DR 126, de 1 de Junho de 1992). De facto, o seu carácter habitacional encontra-se patente na dispersão de materiais, que se estendem por toda a plataforma superior até às zonas de encosta. Atendendo aos limites do talude de terra que envolve a plataforma superior da serra, é possível concluir que a ocupação não se estenda para lá desses limites, sobretudo se tivermos em conta o acentuado declive da encosta na envolvente, que terá inviabilizado a edificação de estruturas habitacionais.

De facto, é no topo da Serra que se regista a maior concentração de vestígios arqueológicos, podendo os que se têm recolhido nas vertentes resultar de transporte pela gravidade. O maior grau de rolamento e a sua maior raridade e dispersão são indício dessa situação. Contrariamente, no topo as cerâmicas são abundantes à superfície, o que aponta para o facto de se situar aí a área nuclear da ocupação.

Ainda que, junto à ermida e a Sudoeste, seja visível uma estrutura pétreia composta por grandes blocos basálticos, não dispomos, de momento, de suficientes elementos caracterizadores para verificar se se trata de edificação natural ou artificial. Porém, a sua localização, a presença de uma plataforma contígua realizada com recurso a maquinaria e a sua aparente acumulação desordenada obriga a ponderar tratar-se da segunda hipótese.

Apesar disso, a documentação de uma quantidade apreciável de cerâmicas atribuíveis à ocupação do Bronze Final, bem como a diversidade morfológica documentada, valida a possibilidade de que tenha existido uma estrutura defensiva.

A identificação de um pequeno conjunto de elementos de foice e de moagem juntam-se aos anteriores argumentos para confirmar uma permanência ocupacional no local, pois pressupõem a existência de uma produção agrícola que não é compatível com ocupação esporádica.

Quanto à estrutura pétreia associada aos buracos de poste, com 1m de diâmetro, esta parece-nos demasiadamente pequena para que seja considerada, indiscutivelmente, como prova da ocupação habitacional proto-histórica. De planta subcircular, tem um embasamento constituído por blocos basálticos, matéria-prima local, e parece ser delimitada externamente por buracos de poste.

As escassas estruturas habitacionais conhecidas no quadro da ocupação do Bronze Final Estremenho apresentam planta elíptica ou circular (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 1998, p. 11). Contudo, trata-se de estruturas de dimensões mais amplas, como se verifica, a título de exemplo, na Tapada da Ajuda (CARDOSO,

2004, Fig. 129), onde a cabana de formato elipsoidal atinge “(...) cerca de 10m de eixo maior (...)” (CARDOSO & SILVA, 2004, p. 231), ou o caso da Quinta da Cerca – com cerca 3m de diâmetro. A estrutura identificada na Praça da Figueira, em 1962, possuía de planta sub-circular e cerca de 2m de eixo maior, e encontrava-se “pavimentada” e rodeada de lajes, tendo sido interpretada, ainda que, com algumas reservas, como um possível fundo de cabana (SILVA, 2013).



Fig. 15 – Estrutura doméstica da Tapada da Ajuda (Fotografia cedida por J. L. Cardoso)

Embora raros, encontramos alguns casos análogos ao da Serra do Socorro, com estruturas de planta circular, concretamente no Outeiro de Beijós, em Carregal do Sal, cujo embasamento integra buracos de poste, sugerindo paredes compostas por materiais vegetais, com um diâmetro de sensivelmente 2m (SENNA-MARTINEZ, 1994; 2000).

Na *Cividade* de Terroso, na Póvoa de Varzim, as cabanas de planta circular, apresentam uma base de alvenaria, como a da Tapada da Ajuda, já referida e as duas cabanas do Monte de São Domingos, Malpica do Tejo, cujos diâmetros internos de cerca de 2 e 3 m. Na área central da cabana de maiores dimensões foi identificado um buraco de poste que suportaria a cobertura (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 1998). As cabanas da *Cividade* de Terroso são cronologicamente enquadráveis em torno do século VIII a.C. (SILVA, 1986), enquanto



Fig. 16 – Imagem aérea captada através de drone da Quinta da Cerca 2, onde é possível observar a estrutura habitacional oval, os buracos de poste contemporâneos, na área exterior à cabana e as duas valas medievais que cortam os estratos da Idade do Bronze (Fotografia de Carlos Costa).

as do Monte de São Domingos foram recentemente datadas pelo radiocarbono com base nos materiais de uma tumulação realizada no interior da de maiores dimensões em torno do século X a. C. (1000-912 cal BC para um intervalo de confiança de 2 sigma, *cf.* BRANDHERM, KRUEGER & CARDOSO, 2016/2017).

Com base nos exemplos sinteticamente acima expostos, parece que a utilização de buracos de poste poderia funcionar como alternativa a embasamentos de alvenaria e vice-versa. Foram no entanto documentados outros casos análogos à da Serra do Socorro, em que, a par da utilização de um embasamento de pedra se associa um reduzido número de buracos de poste que muito possivelmente auxiliavam a estruturar as respectivas paredes e a suportar a cobertura. Desta situação são exemplos o Castro dos Ratinhos (BERROCAL-RANGEL & SILVA, 2010), o Cerro de Cabezuelos (ALEJOS *et al.*, 2015), o Cerro de la Encina (ARRIBAS *et al.*, 1974), entre outros.

Insistindo no reduzido diâmetro do embasamento da estrutura da Serra do Socorro, vemo-nos obrigados a questionar a sua utilização numa perspectiva de âmbito habitacional. A dimensão e morfologia não parece incompatível com uma função de armazenamento, que poderia ser corroborada com a identificação de grandes recipientes cerâmicos. Contudo, devido ao elevado grau de afectação destes níveis não nos é possível avançar com propostas mais concretas. Ainda assim, parece provável tratar-se de uma estrutura de apoio a outras de funções eminentemente habitacionais, que provavelmente se encontram na área envolvente ao espaço intervencionado.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ocupação da Península de Lisboa na fase final da Idade do Bronze tem-se revelado, nas últimas décadas, como um mosaico que engloba múltiplas realidades. Os sítios de carácter habitacional parecem distribuir-se em duas grandes modalidades, concretamente em locais de baixa altitude, conhecidos na área setentrional desta região, e em áreas bem destacadas na paisagem, tanto na referida área (CARDOSO, 2015), como sobretudo nas regiões mais interiores e ocidentais da mesma região (SOUSA, 2016), onde os relevos são mais vigorosos. Estes núcleos de povoamento articulam-se, por outro lado, como uma série de espaços que parecem não ter tido uma ocupação propriamente regular, mas sim esporádica e de carácter talvez extraordinário, que curiosamente se parecem localizar em cima ou nas imediações de antigos povoados calcolíticos, como se registou na Penha Verde (CARDOSO, 2010/2011 b), no Penedo do Lexim (Sousa & Sousa, 2018) e na Moita da Ladra (Cardoso, 2013; Monteiro & Pereira, 2013). Nesta mesma óptica poderíamos incluir outros casos, como o do Cabecinho da Capitôa, onde se encontraram também, tal como nos últimos dois casos, estruturas negativas que continham quantidades apreciáveis de vasos cerâmicos e inclusive um colar de contas de âmbar (Sousa, 2008) e os vários achados de depósitos de artefactos metálicos dispersos um pouco por toda a Península de Lisboa (entre outros, CARDOSO, 2004; COFFYN, 1985; MELO, 2000; VILAÇA, 2006).

Os contextos habitacionais, apesar de numerosos, são ainda pouco conhecidos. Esta situação deve-se ao facto de a esmagadora maioria dos sítios conhecidos terem sido alvo apenas de campanhas de prospecção ou de intervenções antigas que não valorizaram devidamente os dados contextuais. Com efeito, sobre os núcleos de habitat estremenhos, desconhece-se, na grande maioria dos casos, a extensão da área ocupada e os seus elementos arquitectónicos, com a excepção, neste último caso, da Tapada da Ajuda (CARDOSO, 1986; CARDOSO, 1995; CARDOSO, 2004; MELO, CARDOSO & GIUMLIA-MAYR, 2017; CARDOSO & SILVA, 2004), da Praça da Figueira (SILVA, 2013), e da recém descoberta ocupação da Quinta da Cerca 2 (Mafra), que se encontra actualmente em estudo. Assim, os dados da Serra do Socorro, ainda que, de certa forma sejam de difícil leitura, constituem útil contributo para o conhecimento desta realidade.

REFERÊNCIAS

- ALEJOS A. D.; GONZÁLEZ, F. M.; CORTÉS, F. C.; COLINO T. N.; MÉNDEZ, F. C.; PÉREZ, L. S.; PEÑA, F. T. & CARO, J. G. (2015) – El Cerro de Cabezuelos (Jódar, Jaén) Un asentamiento del bronce final en el alto Guadalquivir. *Cuadernos de prehistoria y arqueología de la Universidad de Granada*, Nº 25, p. 257-347.
- ALMEIDA, S. (2014) – Estilos e tendências na cerâmica de ornatos brunidos do Sudoeste Peninsular. In VILAÇA, R. & SERRA, M. (coords.) – Idade do Bronze no Sudoeste: Novas Perspectivas sobre uma velha problemática. Coimbra, p. 129-147.
- ARNAUD, J. M. (1991) – Relatório dos Trabalhos Arqueológicos Realizados na Serra do Socorro. Relatório policopiado.
- ARRIBAS, A., PAREJA, E., MOLINA, F., ARTEAGA, O. & MOLINA FAJARDO, F. (1974) – *Excavaciones en el poblado de la Edad del Bronce del Cerro de la Encina (Monachil, Granada)*, Excavaciones Arqueológicas en España 81, Ministerio de Cultura, Madrid.
- ARRUDA, A. M. & SOUSA, E. (2015) – Late Bronze Age in Alcáçova de Santarém (Portugal). *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 72: 1, p. 176-187.
- BALFET, H.; FAUVET-BERTHELOT, M. & MONZÓN, S. (1983) – *Pour la normalisation de la description des poteries*. Paris: Musée de l'Homme, Laboratoire d'Ethnologie, Département de Technologie Comparée. Éditions du CNRS.
- BERROCAL-RANGEL, L. & SILVA, A. C. (2010) – *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura)*. *Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*. Suplemento de *O Arqueólogo Português*, 6, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, 2010, p. 469.
- BOAVENTURA, R.; PIMENTA, J. & VALLES, E. (2013) – O povoado do Bronze final do Castelo da Amoreira (Odivelas). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 20, p. 623-640.
- BOTTAINI, C.; SERRA, M. & PORFÍRIO, E. (2012) – Metais da Idade do Bronze do Museu de Beja. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*, p. 631-646.
- BRANDHERM, D.; KRUEGER, M. & CARDOSO, J. L. (2016/2017) – Um novo método para a datação absoluta de ossos humanos cremados: a cabana 2 do Monte de São Domingos (Malpica do Tejo, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 23, p. 519-530.
- CARDOSO, J. L. (1995) – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*. Coimbra. 34, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998) – O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 169-177.
- CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*. Lisboa: Verbo.
- CARDOSO, J. L. (2003) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 229-321.
- CARDOSO, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de História regional*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12).
- CARDOSO, J. L. (2006) – A estação do Bronze Final do Cabeço do Mouro. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9 (1), p. 21-46.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011 a) – O Casal agrícola do Bronze Final de Abrunheiro (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 33-74.
- CARDOSO, J. L. (2010/2011 b) – A ocupação do Bronze Final do povoado pré-histórico da Penha Verde. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 579-590.
- CARDOSO, J. L. (2013) – Moita da Ladra 2 (Vila Franca de Xira), um sítio ritual do Bronze Final da região de Lisboa. *Revista da Faculdade de Letras (Homenagem a Armando Coelho Ferreira da Silva)*. Porto. 12, p. 49-67.

- CARDOSO, J. L. (2015) – Between the Atlantic and the Mediterranean: the Late Bronze Age around the Tagus estuary (Portugal). Economic, social and cultural aspects. *Rivista di Scienze Preistoriche*. Firenze. 65, p. 149-170.
- CARDOSO, J. L. (2016/2017) – A ocupação do Bronze Final do Centro Histórico de Oeiras. Os materiais da Rua das Alcássimas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 23, p. 531-554.
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1996) – O povoado do Bronze Final do Alto das Cabeças (Leião, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 351-359. De col.
- CARDOSO, J. L. & SILVA, I. (2004) – O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda (Lisboa): estudo do espólio cerâmico. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1), p. 227-271.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUE.S, F. (1998) – Duas cabanas circulares da Idade do Bronze do Monte de São Domingos (Castelo Branco), *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 6, p. 325-346.
- CARDOSO, J. L. *et al.* (1986) – A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa - Revista Municipal*. Lisboa. Série II, 15, p. 3-18.
- CARREIRA, J. R. (1994) – A Pré-História recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia do EAM*. Lisboa. 2, p. 47-144.
- COFFYN, A. (1985) – *Le Bronze Final atlantique. dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Boccard.
- DIAS, Í. (2018 a) – *O Bronze Final na Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras)*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Mestre.
- DIAS, Í. (2018 b) – A Ocupação do Bronze Final na Serra do Socorro. A Coleção de Gustavo Marques. *Ophiussa*. Lisboa. 2, p. 59-74.
- FIGUEIREDO, E.; MELO, A. & ARAÚJO, M. (2007) – Artefactos metálicos do Castro de Pragança: um estudo preliminar de algumas ligas de cobre por Espectrometria de Fluorescência de Raios X. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4, 25, p. 195-215.
- GIMBUTAS, M. (1965) – *Bronze Age cultures in Central and Eastern Europe*. The Hague: Mouton.
- GOMES, M. (2006) – Faca da Idade do Bronze do Medo do Espartal (Aljezur). *Al-Rihana*. Aljezur. 2, p. 157-165.
- JALHAY, E. (1946) – O monumento pré-histórico do Casal do Zambujal (Torres Vedras). Contribuição para o estudo da época do bronze. *Brotéria*. Lisboa. 42 (4), p. 387-393.
- LUNA, I.; SOUSA, A. e LEAL, R. (2008) – Telegrafia Visual na Guerra Peninsular. 1807-1814. *Boletim Cultural de Mafra*. Mafra, p. 26-136.
- MARQUES, G. (1994) – Outras estações. PEREIRA, I. (coord.) – *Idade do Ferro: catálogo*, Câmara Municipal da Figueira da Foz, Serviços Culturais, p. 66.
- MATIAS, C. (2004) – Serra do Socorro. *Boletim Cultural de Mafra*. Mafra, p. 308-355.
- MELO, A. A. (2000) – Armas, utensílios e esconderijos. Alguns aspectos da metalurgia do Bronze Final: o depósito do Casal dos Fiéis de Deus. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3 (1), p. 15-120.
- MELO, A. Ávila de; CARDOSO, J. L. & GIUMLIA-MAYR, A. (2017) – Tapada da Ajuda (Lisbon, Portugal) Bronze Age pin. *Materials and Manufacturing Processes*. Taylor & Francis. 32 (7-8), p. 792-797. <http://dx.doi.org/10.1080/10426914.2016.1232824>.
- MONTEIRO M. & PEREIRA A. (2013) – Um depósito votivo da Idade do Bronze na Moita da Ladra (Vila Franca de Xira): síntese dos trabalhos. *Cira - Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 2, p. 181-194.
- MONTEIRO, M. & CARDOSO, G. (2016) – A ocupação da Idade do Ferro na Serra de Monte Deixo. Moinhos Velhos e Moinho da Mariquitas (Torres Vedras). *EMERITA- Estudos de Arqueologia e Património Cultural*. Lisboa. 2, p. 6-20.
- NETO, N.; GONZALEZ, C.; REBELO, P.; SANTOS, R. & ROCHA, M. (2013) – Trabalhos arqueológicos na Quinta Nova de Santo António ou dos Ingleses – Carcavelos. A ocupação do Bronze Final. *Cira - Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 2, p. 19-39.

- OLIVEIRA, C. (2006) – *A Cerâmica Manual do Castelo de Castro Marim*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, para obtenção do grau de Mestre.
- OLIVEIRA, C. (2013) – O final da Idade do Bronze no Algarve: balanço e resultados da investigação arqueológica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 339-354.
- PIMENTA, J. & MENDES, H. (2010/2011) – Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 591-618.
- PONCE, M. (2012) – *O Bronze Final na Península de Lisboa. O caso do Cabeço de Alcaínça na transição entre o 2.º e o 1.º milénio a.C.*, Dissertação apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, para obtenção do grau de Mestre.
- SÁNCHEZ, P. (1997) – Nuevos puñales de remaches de bronce procedentes de La Mesa de Carpio (Villagonzalo de Tormes, Salamanca). *Zephyrus*. Salamanca. 50, p. 263-272.
- SENNA-MARTINEZ, J. (1994) – Subsídios para o estudo do Bronze Pleno na Estremadura Atlântica: A alabarda de tipo «Atlântico» do Habitat das Baútas (Amadora). *Zephyrus*. Salamanca. XLVI-XLVII, p. 161-182.
- SENNA-MARTINEZ, J. (2000) – O Crasto do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal). In J. C. SENNA-MARTINEZ & I. PEDRO. (Eds), *Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*. Viseu. Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, p. 144-145.
- SENNA-MARTINEZ, J.; LUÍS, E.; PIMENTA, J.; FIGUEIREDO, E.; LOPES, F.; ARAÚJO, M. F. & SILVA, R. (2013) – Nota sobre um machado plano em bronze de “Tipo Bujões” de Vila Franca de Xira. *Cira – Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 2, p. 95-102.
- SERRÃO, E. C. (1958) – Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra), com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*. Salamanca. 9 (2), p. 177-186.
- SERRÃO, E. C. (1959) – Cerâmica com ornatos brunidos a cores da Lapa do Fumo. In *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, p. 337-359.
- SILVA, A. C. F. (1986) – *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Porto: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.
- SILVA, R. (2013) – A ocupação da idade do bronze final da Praça da Figueira (Lisboa): novos e velhos dados sobre os antecedentes da cidade de Lisboa. *Cira – Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 2, p. 40-102.
- SOUSA, A. C. (2008) – Arqueologia na A21. Uma análise preliminar dos trabalhos arqueológicos 2004-2007. *Boletim Cultural de Mafra*. Mafra, p. 411-497.
- SOUSA, A. C. (2010) - *O Penedo do Lexim (Mafra) na sequência do Neolítico final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Dissertação apresentada à Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, para obtenção do grau de Doutor.
- SOUSA, E. & SOUSA, A. C. (2018) – Late Bronze Age sacred landscapes in the Western Iberia: the case study of Penedo do Lexim. *Trabajos de Prehistoria*, N.º 2, p. 307-319.
- SOUSA, E. (2016) – Algumas considerações sobre a ocupação do final da Idade do Bronze na Península de Lisboa. In SOUSA, A. C., CARVALHO, A. & VIEGAS, C. (eds.) – *Terra e água Escolher as sementes, invocar a deusa. Estudos em Homenagem a Victor S. Gonçalves*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 387-401.
- SOUSA, E.; PIMENTA, J.; MENDES, H. e ARRUDA, A. M. (2016/2017) – A ocupação Proto-Histórica do Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal). *Cira – Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 5, p. 9-32.
- VILAÇA, R. (2006) – Artefactos de ferro em contextos do Bronze Final do território português: novos contributos e reavaliação dos dados. *Complutum*. Madrid. 17, p. 81-101.
- ZBYSZEWSKI, G. (1965) – Carta Geológica de Portugal na escala 1:50 000. Notícia explicativa da folha 30 D, Alenquer. Lisboa: *Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa, p. 5-90.